

Matador poliédrico

Este ano será o Palco Grande a acolher *Miguel de Molina al desnudo*, o Espectáculo de Honra da 39.ª edição do Festival de Almada. A biografia de Miguel de Molina (1908-1993) é daquelas que dariam um filme "mais largo que a vida", mas a opção neste espectáculo foi fazer um recital íntimo, no qual o protagonista desfia memórias feitas de sucessos e fracassos, de medos, alegrias, derrotas e sucessos, encostado a um piano.

Miguel de Molina nunca ocultou o facto de ser homossexual, apesar de viver sob um regime repressivo. Nos anos quarenta do século passado, durante a ditadura de Franco, preparou várias vezes as malas à espera de que o fossem prender. A sua vida e os seus encontros dariam azo a dezenas de fotos para encher várias paredes: no bar-museu Chicote, na Gran Vía de Madrid, lá está ele ao lado

de Hemingway e de Ava Gardner. Musicalmente, revolucionou a copla, tornado-a mais dramática e romântica. Com a vida amachuçada, retoma a carreira na Argentina com o patrocínio da primeira dama do regime peronista, Eva Perón. Nos anos oitenta, já em democracia e em plena *movida* cultural, o interesse pela sua carreira e pela sua história renasce.

Ángel Ruiz convive com a figura do cantor desde 2014, ano da estreia de *Miguel de Molina a nu*. Recentemente o espectáculo foi gravado e transmitido pela TVE. Os correspondentes estrangeiros que acompanharam o Festival na edição do ano passado destacaram "a tomada de consciência face ao neo-fascismo, que ressurge (*Artezeblai*, Espanha) e os "grandíssimos dotes vocais de Ruiz, que se move como um matador polédrico" (*Recensito*, Itália).



Ángel Ruiz receberá no final da sua actuação o prémio do Espectáculo de Honra 2022

© Javier Naval

EU TAMBÉM VOU AO FESTIVAL!

Concerto para famílias



Amanhã às 18h00 os mais novos (e as suas famílias) estão convidados para um concerto de entrada gratuita no palco da Esplanada da Escola D. António da Costa. *Milho por peixe* inspira-se na tradição de contar cantando, ou de cantando a contar.

Esta história fala-nos de um segredo passado de geração em geração: os pescadores sabiam que se cantassem enquanto trabalhavam tudo seria menos árduo. O espectáculo promove a universalidade de culturas e contribui para o diálogo intercultural.

Tcheka hoje na Esplanada

Hoje às 23h00 o guitarrista e cantor cabo-verdiano Tcheka dá um concerto na Esplanada da Escola D. António da Costa, no primeiro dos dois Sábados em que o Festival se prolonga noite dentro. Tcheka é uma figura de proa na música de Cabo Verde. Nascido num lugar recôndito da ilha de Santiago, criou um estilo único, que testemunha as influências que recebeu à escala global. Apesar dos seus horizontes musicais bastante amplos, o artista é conhecido sobretudo por ter integrado o batusque na guitarra electroacústica. Lançou o seu primeiro álbum em 2003, *Argui*, na editora Lusafrika, tendo em 2005 saído *Nu monda*, muito bem recebido pela crítica francesa: venceu o prémio de artista do ano atribuído pela Rádio France.

Homenagem a Castanheira

A homenagem ao cenógrafo, arquitecto e Pintor José Manuel Castanheira acontece amanhã no Palco Grande, antes do Espectáculo de Honra. Irão intervir na sessão a presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, a crítica de teatro Helena Simões, e o jornalista e escritor Fernando Paulouro. O director artístico do Festival de Almada entregará a José Manuel Castanheira um troféu (da autoria do artista plástico Jorge dos Reis) que representa a figura de D. Quixote: o símbolo da CTA. A exposição documental *O meu nome é cenografia* e a instalação *A nudez do cenógrafo e a perplexidade do espectador* manter-se-ão até ao fim desta edição do Festival.

Uma caixa de memórias

Tenho uma caixa onde vou guardando as folhas informativas e as folhas de sala que me foram sendo dadas à entrada dos espetáculos do Festival de Almada.

Quando a abro, e vou olhando para os papéis, vêm-me à memória sempre algumas impressões desses espetáculos. Este é o sexto Festival de Almada a que vou. De entre todos estes espetáculos,

aquele que considero mais memorável é *A Gaivota*, peça de Anton Tchekhov encenada por Thomas Ostermeier.

Essa noite foi particularmente memorável por dois aspetos. Ganhámos o campeonato europeu de futebol e quem estava presente na Sala Principal do TMJB pôde ver uma peça de uma beleza extraordinária. A cenografia era simples, mas extremamente funcional.

Atrás da ação, foi sendo desenhada vagarosamente uma pintura. As luzes ajudaram a criar atmosferas que amplificaram, por vezes, a delicadeza da ação, das palavras, dos gestos. Num dado momento, permitiram criar um ambiente de carnificina impactante e, certamente, inesquecível.

Os atores souberam interpretar o texto magistral de Tchekhov com a devida expressividade. Destes elementos conjugados surgiu uma obra-prima que o público do Festival de Almada pôde apreciar em 2016.

Tomás Cavaco, 21 anos, Estudante



Thomas Ostermeier regressa este ano

© Arno Declair

"Um hino à liberdade"



Rui Monteiro e Carlos Avilez ontem na Esplanada

Foi como um hino à liberdade que Carlos Avilez definiu *Eu sou a minha própria mulher*, a peça em cena no Teatro-Estúdio António Assunção até 13 de Julho. O encenador esteve à conversa com o crítico de teatro Rui Monteiro. Avilez agradeceu o regresso a "uma casa que admiro e onde fui homenageado em 2019. Um gesto bonito que não esqueço". Sobre Charlotte von Mahlsdorf, a personagem encarnada por Marco D'Almeida, Avilez explicou ter-se deparado com alguém — uma personagem do século XX que passou incólume ao nazismo e ao regime da RDA, na sua situação de um homem que se assumia como mulher — muito especial. "Muito inquietante. Contraditória. Corajosa. Como quando responde à pergunta da mãe sobre o motivo pela qual

não se casava dizendo que ela já era a sua própria mulher". Nesta sua encenação Avilez sentiu-se como peixe na água, pois pôde deliciar-se, como gosta, a afinar pequenos detalhes: "Por exemplo, enquanto fala da forma como matou o pai, para salvar a mãe, Charlotte limpa o pó de um móvel, como se apagasse as marcas do seu passado". Avilez realçou que este espectáculo teria sido impossível sem o entusiasmo de Marco D'Almeida e o seu fôlego dramático, que lhe permitiu dar corpo e alma a trinta e cinco personagens: "O Marco é um tremendo actor. De uma qualidade técnica enorme. Que não se vê, que a técnica aprende-se a esconder, mas que está lá". Sobre a sua longa carreira, Avilez resumiu-a como um "vício". "O teatro é um vício. Um deus pagão".

Bilhetes ainda à venda

Ainda é possível adquirir entradas na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite para várias das peças apresentadas quer no TMJB, quer no Fórum Romeu Correia, quer no Teatro-Estúdio António Assunção. A aquisição dos bilhetes pode ser feita presencialmente ou por transferência bancária (212739360 | bilheteira@ctalmada.pt). As entradas para os espetáculos que se realizam no Palco Grande podem ser adquiridas a partir das 21h00 na bilheteira da Escola D. António da Costa.

Alteração de espectáculo

Por um dos intérpretes ter testado positivo à Covid-19, os Artistas Unidos não poderão apresentar o espectáculo *Taco a taco*. Em sua substituição subirá à cena a peça *A coragem da minha mãe*, com encenação de Jorge Silva Melo. O calendário e o horário das sessões não se alteram, e os bilhetes para este novo espectáculo são os mesmos do anterior. Nesta peça não faltam episódios cómicos, de sugestão surreal e, por vezes, em tom de farsa. Na verdade, os textos de Tabori costumam fazer rir.

AGENDA DE AMANHÃ

- 15:00 e 21:30 | Teatro
Eu sou a minha própria mulher
Teatro-Estúdio António Assunção
- 16:00 | Teatro
Selvagem
Teatro Municipal Joaquim Benite
- 18:00 | Concerto para famílias
Milho por peixe
Escola D. António da Costa
- 20:30 | Música na esplanada
Jacarandá
Escola D. António da Costa
- 22:00 | Teatro
Miguel de Molina a nu
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

- HOJE
Entrecosto com migas serranas
Choco guisado com puré de batata
- AMANHÃ
Favas guisadas
Dourada no forno

APLICAÇÃO DO FESTIVAL DE ALMADA

